**O realismo Eclesiológico do Vaticano II**

Objetiva-se com esta reflexão verificar se algum modelo eclesiológico oriundo do Concílio Vaticano II ainda persiste como atual e consistente, diante dos dramas históricos vigentes. Dentre tantas riquezas que o Vaticano II deixou como legado para a Igreja, há de se mencionar a sua própria identidade contida, especialmente, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e dilatada nos demais documentos conciliares*.* Tendo a sua Fonte no Mistério Trinitário, a Igreja se configura na história como Povo de Deus. Transcendência e historicidade se unem numa comunhão, tendo no Batismo o evento que nos faz todos irmãos e irmãs, incorporados ao mistério de Jesus Cristo encarnado, morto e ressuscitado, trazendo cada um em seu estatuto ontológico, o germe da eternidade. É desta Igreja-comunhão que o Senhor chama, os que Ele quer (Mc 3, 13) para os diversos ministérios (ordenados, não ordenados, dentre outros). Todo ministério deve ser compreendido como um serviço desinteressado e por amor, não somente *ad intra*, mas, na atualidade, com mais incisão, *ad extra*, como uma Igreja em saída. Em tempos difíceis e complexos como o atual, marcado com a crise de sentido da própria existência humana, com os dramas oriundos da Pandemia do Coronavirus, que têm ceifado inúmeras vidas e ofuscado a esperança de milhões e milhões de homens e mulheres, da crise ecológica de alcance mundial, dentre outros males, que aumenta o sofrimento, principalmente o dos mais vulneráveis, a Igreja é convocada a imitar o Bom Samaritano da Humanidade, espalhando luz, alegria e esperança. Assim, sem perder a sua comunhão com o Mistério Trinitário, todo o Povo de Deus, tem a missão e o deve se colocar a serviço de todos.

**Palavras-chave:** Concílio Vaticano II, Eclesiologia, realismo, comunhão, missão.